

# Hábitos culturais no DF

» FREDERICO BERTHOLINI // LUCIO RENNO  
Professores de Ciência Política da UnB e pesquisadores do ObservaDF

O relatório de maio do ObservaDF investigou hábitos culturais dos moradores do DF e alguns de seus determinantes. A pesquisa abordou aspectos como consumo de filmes e séries, frequência ao cinema, consumo de artes cênicas na TV ou ao vivo, frequência a shows musicais e participação no carnaval. Os resultados apontam a persistência de desigualdades socioeconômicas observadas em pesquisas anteriores, com renda familiar, RA de moradia e gênero sendo determinantes do acesso. Dessa vez, no entanto, além da desigualdade persistente, pudemos mapear algumas evidências da diversidade geracional e de religião no consumo de produtos culturais.

Para quem mora em Brasília, no geral, o streaming passou a ser o meio mais relevante de consumo, com cerca de 61% de adesão, superando a TV (com 55%). Seis em cada 10 moradores de Brasília assistem a filmes e séries pelo menos uma vez por semana. A frequência do consumo de filmes fora de casa, no entanto, é bem menor, as pessoas vão ao cinema uma vez a cada quatro meses em média. Novelas são o principal tipo de obra assistida pelos moradores da capital, quase metade deles assistiu a alguma nos últimos três meses. Programas de auditório, com 35%, e comédia, com 26%, vêm logo atrás.

Os shows apareceram como uma opção relevante, uma em cada quatro pessoas foi a um nos últimos três meses. Essa é a mesma proporção de pessoas que brincaram carnaval este ano, em atividades variadas. Cerca de 19% foi a uma festa de carnaval e 11% a um bloco. O teatro, por sua vez, não é tão frequentado, apenas 13% das pessoas assistiram a alguma peça nos últimos três meses. O morador de Brasília vai ao teatro, em média, aproximadamente uma vez a cada 10 meses.

Praticamente esses padrões diferem muito quando comparamos por renda familiar e RA de moradia. Se em relação à frequência de filmes e séries assistidos em casa não há tanta disparidade, quando olhamos para o padrão de acesso ao cinema, por exemplo, podemos notar que pessoas vivendo em famílias com renda familiar superior a 10 salários mínimos vão ao cinema quase uma vez por mês, enquanto pessoas de famílias vivendo com até um salário mínimo mensal vão ao cinema uma vez a cada sete meses.

A renda também está intensamente associada à frequência a shows e à participação no carnaval, principalmente quando consideramos a RA de moradia. Entre moradores de áreas mais ricas e mais centrais, cerca de 30% foram a shows e 17% a blocos de carnaval, enquanto nas áreas de renda mais baixa esses percentuais são de 16% e 5%, respectivamente.

Tratando ainda de desigualdades no



acesso, há que se destacar a preocupante disparidade de gênero encontrada. Temos que 14% dos homens foram a um bloco de carnaval e 24% foram a alguma festa, enquanto apenas 9% das mulheres foi a bloco e 15% participou de festa. Acreditamos que este fenômeno possa estar associado a uma sensação de insegurança das pessoas identificadas com o gênero feminino, pelo receio de sofrerem com importunação sexual e assédio.

As diferenças nos padrões de consumo e acesso à cultura, no entanto, nem sempre estão associadas a algum aspecto de desigualdade. A pesquisa também conseguiu capturar a relevância da diversidade geracional e religiosa do DF. Existe uma relação estatisticamente significativa entre idade e participação no carnaval, presença em shows, ida ao

cinema e consumo de filmes ou séries. Quanto mais jovem, maior o acesso. Apenas em relação a novelas e programas de auditório, isso não foi verificado. Pessoas de 60 anos ou mais vão ao cinema uma vez por ano, por exemplo, já pessoas entre 16 e 24 anos vão ao cinema uma vez a cada 2 meses.

Ser de religiões afro-brasileiras ou não ter religião aumenta a probabilidade de participação no carnaval, enquanto ser de religião evangélica pentecostal diminui a probabilidade de participação. Essa relação também se verifica em shows e no cinema. Ou seja, religião, como uma indicação das preferências morais individuais, afeta o consumo cultural. Portanto, não é só a renda que afeta o acesso, mas também escolhas pessoais que são orientadas geracionalmente e religiosamente.

## Máquinas não roubarão empregos, a nostalgia sim

» GUILHERME S. HUMMEL  
Engenheiro em saúde digital, coordenador científico da 28 Hospitalar e da Hospitalar Hub e Head Mentor do EMI (eHealth Mentor Institute)

Muitos trabalhadores, empregados ou não, passaram a duvidar do futuro. Outros vão além: se desinteressam pelo presente e, desanimados com as máquinas inteligentes que rompem o mercado de trabalho, estimulam uma vida hedonista, cujo prazer circunstancial procrastina enfrentar os desafios. Mas o pior são os nostálgicos, eles não tiram os olhos e a mente do passado e anseiam pelos tempos pretéritos no qual tudo era mais estável, previsível e menos desafiador. Aliás, o termo nostalgia vem do grego nostos, que significa retorno, e algos, que significa sofrimento. A palavra originalmente foi usada para descrever um anseio intenso por retornar ao lar, a um lugar seguro, confiável e confortável em todos os sentidos.

A nostalgia não é necessariamente boa ou ruim, é inútil. Ela está consumindo a mente de milhões de trabalhadores que nos últimos meses passaram a ficar inseguros com a empregabilidade. Existirá um complô metafísico para as máquinas destruírem minha proficiência funcional? Todos os anos estudando e trabalhando teriam sido inúteis quando qualquer humanoide sequestra meu trabalho? A nostalgia amplia a nossa insatisfação com o presente, flerta com a estagnação e gera melancolia. Uma cadeia inútil.

O relatório Future of Jobs 2023, publicado pelo World Economic Forum (WEF), mostra as tendências do trabalho entre 2023 e 2027. Foram ouvidos 11,3 milhões de trabalhadores, de

803 empresas de todo o mundo, reunindo 27 clusters industriais. Segundo o relatório, o impacto da maioria das tecnologias nos empregos será positivo nos próximos cinco anos. Ainda assim, os maiores efeitos da criação e destruição de vagas virá das tendências ambientais, tecnológicas e econômicas. O documento explica, criteriosamente, que 86% das empresas esperam que até 2027 as plataformas digitais e aplicativos resultem em processos disruptivos no trabalho, reorientando e deslocando os empregos para outras funcionalidades e criando mais trabalho nos próximos 5 anos.

Essa rotatividade estrutural no trabalho atingirá por volta de 23% dos empregos até 2027. A conta da WEF é simples: dos 673 milhões de empregos refletidos nos dados do relatório, os entrevistados esperam um crescimento estrutural de 69 milhões de empregos e um declínio de 83 milhões, correspondendo a uma redução líquida de 14 milhões de postos de trabalho, ou 2% dos empregos atuais. Ocorre, assim, uma assimetria entre a criação e a redução de empregos nos próximos anos, mas 2% não é uma aporia (impossibilidade objetiva de obter uma conclusão sobre qualquer tema), pelo contrário, as possibilidades de melhores condições empregatícias tendem a evoluir em produtividade, praticidade e criatividade.

Ainda segundo o Future of Jobs 2023, as organizações estimam que hoje 34% de todas as tarefas relacionadas aos negócios são

executadas por máquinas, sendo que os 66% restantes são executadas por humanos. Isso representa um aumento insignificante de 1% no nível de automação estimado pela edição da mesma pesquisa realizada em 2020. Esse ritmo de automação contradiz as expectativas de 2020, quando quase metade (47%) das tarefas de negócios seriam automatizadas nos cinco anos seguintes. Como explicou o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855): “A vida pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para a frente”. Assim, não cabe nesse cenário qualquer deslumbre nostálgico. Cabe sim a esplendorosa e excitante experiência do estudo, da educação e da capacitação contínua. O que mais queremos da vida se não o desejo de estarmos “condenados” a uma ininterrupta escala de aptidão e vocação para se adequar as inovações?

Ao invés da nostalgia de tempos irrepetíveis, empregados devem se concentrar em suas habilidades atuais, identificando as áreas de aprimoramento. Autoavaliação para descobrir quais pontos são mais suscetíveis à automação ou a transformação digital. Desenvolver o pensamento crítico e as habilidades interpessoais devem ser prioridade. É preciso engajamento nos skills digitais que suportem a dianteira, deslizando o pensamento para futuros possíveis, plausíveis e preferíveis. Se esconder da realidade não é a saída. Perde-se muito tempo e atrasa o maravilhoso encontro com a possibilidade.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Melhor nem pensar

Pensar no futuro do país tornou-se hoje um exercício impossível. Muito mais difícil ainda é pensar nas próximas gerações, quando nos vemos diante de uma realidade atual que muda tão depressa, que mal temos tempo de refletir sobre suas causas e efeitos. O homem é o único animal sobre o planeta que evoluiu ao ponto de se tornar capaz de mentalmente projetar-se no futuro. Prever novas condições, antever obstáculos e traçar estratégias de sobrevivência. Foi essa característica especial que deu à nossa espécie a capacidade de enfrentar as hostilidades de um mundo agressivo, prevenindo cada passo à medida que se transportava para o por vir.

Com essa ferramenta da mente é que o homem encontrou o caminho certo para sua perpetuação na face da Terra. Quando essa capacidade de previsão é interrompida ou cessada, por qualquer motivo que seja, a sobrevivência da espécie passa a correr séria ameaça. Quando deixamos de pensar no futuro do país, ele simplesmente deixa de existir a passa a obedecer às forças da inércia e do acaso, transformando-se, na maioria das vezes, naquilo que não queríamos e nem desejamos para as próximas gerações.

A questão é simples e se resume à pergunta: que futuro estará reservado para o país, quando assistimos a atuação ruinosa que está perpetrando? Se formos tomar o Brasil do futuro pelo que temos diante de nossos olhos, a coisa será feia.

Nesta semana, nossos representantes com assento no Congresso, promoveram uma anistia geral e surpreendente para os partidos, unindo fraternalmente legêndas antagonônicas, apenas para decretar o perdão, na prestação de contas dos milhões desviados e mal explicados, oriundos dos fundos partidários e eleitorais. As vozes roucas das leis. Para aquela pequena minoria que ousa caminhar na estrada da ética, se opoando aos desmandos, o que resta são ameaças e cassações. Quando as salvaguardas legais se transformam em armas e são usadas, sem disfarces, por vingadores, o respeito cede lugar ao medo e as leis perdem sua alma.

Que futuro pretendemos desfrutar, quando se assiste ao CNJ decretar o fim dos manicômios judiciários, colocando, de uma só vez nas ruas, milhares dos mais temidos e psicóticos criminosos? Que futuro é esse que nos espera, quando sentenças pesadas de crimes são revistas e anuladas? Quando os saídos de presas aumentam a insegurança e a impunidade? As interrogações são muitas e fazem de nosso futuro um tempo incerto e um lugar que, com certeza, não desejamos vir a estar.

Para aqueles que temiam com a possibilidade de o país vir a assistir à um novo fechamento político, semelhante ao ocorrido em 1964, com a intervenção dos militares, decreto de sítio e outros instrumentos de força, pondo em suspenso a ordem institucional, a boa notícia é que nada disso ocorreu e o Brasil segue como sempre: deitado eternamente em berço esplêndido.

Quem esperava que as forças revolucionárias viriam, pela terra, pelo céu e pelo ar, armadas de fuzis e canhões, esperou em vão. Não se faz mais revolução como antigamente. Soldados armados não são mais necessários quando revoluções podem ser facilmente detonadas a partir de gabinetes refrigerados, sem a violência das armas e sem os incômodos estampidos de pólvora. Os canhões foram substituídos por canetas modestas, mas com infinito poder de fogo, capazes de aniquilar os inimigos do sistema com um simples traço no papel. As revoluções armadas cederem lugar à revolução burocrática dos papéis. Obuses, granadas e minas terrestres perderam a validade. Quem comanda agora essa nova revolução são decisões, despachos, leis, decretos, portarias e outros variados instrumentos de escritório, todos devidamente assentados em papel com selo d'água e chancelados por dezenas de carimbos oficiais.

### » A frase que foi pronunciada

“Vamos compreender melhor o que diz respeito à equidade, pois se a liberdade é o cume, a equidade é a base; (...) civilmente, ela é todas as aptidões tendo iguais oportunidades; politicamente, todos os votos tendo o mesmo peso; religiosamente, todas as consciências tendo direitos iguais.”

Victor Hugo, *Os Miseráveis*

### Incrível

» Estranhamente o brasileiro pode ter 27 carteiras de identidade, cada uma com um número diferente e cada uma feita em um estado brasileiro. Se buscar o setor de identificação para confeccioná-la em seu estado, os outros estados não se comunicam.

### Roteiro

» Hoje estreia o filme *As Órfãs da Rainha*, no Cine Brasília às 20h. Fica em cartaz por mais alguns dias.

### » História de Brasília

*Candango de um bom gosto foi aquele que armou um barraco em frente à superquadra Rio de Janeiro, da Graça Couto. É o único barraco localizado no Eixo Rodoviário, e o bom gosto fez com que os fundos ficassem para as superquadras, e a frente para a pista de alta velocidade... (Publicada em 20.03.1962)*